

DOI: 10.46943/XI.CONEDU.2025.GT20.006

O PAPEL DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL NO APERFEIÇOAMENTO DO TÉCNICO EM ENFERMAGEM: UMA ANÁLISE CRÍTICA

Mara Regina Santos de Mendonça e Silva¹

RESUMO

A educação profissional desempenha um papel fundamental na formação e aperfeiçoamento dos profissionais da saúde, sendo especialmente relevante no contexto do curso técnico em enfermagem, que capacita os alunos para atuar diretamente no cuidado ao paciente. Este artigo tem como objetivo analisar criticamente a importância da educação profissional na qualificação do técnico em enfermagem, considerando os desafios enfrentados durante a formação, a relação entre teoria e prática, e os impactos dessa qualificação no desempenho profissional. A pesquisa baseia-se em revisão bibliográfica e na análise de documentos oficiais relacionados à educação profissional, como os direcionamentos do Ministério da Educação (MEC) e das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs). O referencial teórico-metodológico é baseado em obras de autores como Perrenoud (2000), que discute a formação de

1 Professora licenciada em Letras pela Universidade Federal do Estado do Amapá, Bacharel em Direito pelo Centro de Ensino Superior do Amapá - CEAP, pós-graduação e Metodologia do Ensino Superior pelo Centro de Ensino Superior do Amapá - CEAP, Pós-Graduada em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e Literatura pelo Instituto Brasileiro de Pós-Graduação e Extensão - IBPEX, Pós graduada em Novas Linguagens e Novas Abordagens Para o Ensino da Língua Portuguesa pela Faculdade Atual, Professora efetiva do quadro do Governo Federal, atualmente professora dos cursos técnicos profissionalizante do Centro de Ensino Profissionalizante do Amapá - CEPJOB, Mestranda em Ciências da Educação na Universidad Autónoma de Asunción - UAA. Jejuí N: 667, Assunção Paraguai - reginaleo@yahoo.com.br

competências profissionais, e Tardif (2007), que aborda a relação entre teoria e prática na formação. Além disso, a pesquisa também dialoga com os estudos de Souza (2013), que aborda a formação técnico-profissional e seus desafios, e Lima (2015), que enfatiza a importância da infraestrutura educacional na formação dos profissionais da saúde. Os resultados obtidos indicam que a qualificação técnica é determinante para a melhoria da qualidade do atendimento à saúde, pois contribui para a ampliação das competências dos profissionais. Contudo, os desafios são significativos, como a necessidade de atualização constante do currículo para atender às demandas do mercado de trabalho, a infraestrutura de ensino integrada e a falta de apoio institucional eficaz. Conclui-se que, apesar dos avanços, é necessário um maior esforço para integrar as necessidades do campo prático com os conteúdos oferecidos nos cursos técnicos, de modo a garantir a formação de profissionais mais preparados e capacitados para lidar com a complexidade e diversidade dos desafios encontrados no ambiente de saúde.

Palavras-chave: Educação profissional, Aperfeiçoamento, Técnico em enfermagem, Formação, Saúde.

1. INTRODUÇÃO

A educação profissional tem assumido um papel cada vez mais relevante na formação de profissionais que atuam diretamente nas áreas essenciais da sociedade, como a saúde. No contexto brasileiro, o curso técnico em enfermagem desponta como uma das formações mais procuradas, dada a crescente demanda por profissionais qualificados capazes de atender com responsabilidade, ética e competência as necessidades do sistema de saúde. A formação técnica, nesse cenário, vai muito além do ensino de procedimentos: trata-se de preparar indivíduos para lidar com a complexidade do cuidado humano, com suas exigências técnicas e emocionais.

Diante das transformações sociais, tecnológicas e organizacionais que marcam o campo da saúde, torna-se urgente refletir sobre como a educação profissional tem contribuído para o aperfeiçoamento dos técnicos em enfermagem. A partir dessa reflexão, surge a seguinte questão norteadora: de que forma a educação profissional influencia na qualificação e no desempenho do técnico em enfermagem, considerando os desafios formativos e a articulação entre teoria e prática? A busca por essa resposta fundamenta a proposta desta pesquisa.

O principal objetivo deste estudo é analisar criticamente o papel da educação profissional no aperfeiçoamento do técnico em enfermagem. Como objetivos específicos, propõe-se discutir os desafios enfrentados durante a formação, compreender a importância da integração entre teoria e prática e apontar contribuições para a melhoria dos processos formativos. Essa investigação se justifica pela relevância social e educacional do tema, considerando que a qualidade da formação técnica impacta diretamente na qualidade do cuidado prestado à população.

A metodologia adotada nesta pesquisa consistiu em uma revisão bibliográfica de caráter qualitativo, com base em autores que discutem a formação de competências, a prática pedagógica na educação profissional e os marcos legais que regulamentam o ensino técnico no Brasil.

2. METODOLOGIA

A presente pesquisa foi desenvolvida por meio de uma revisão bibliográfica de caráter qualitativo, com o objetivo de analisar criticamente o papel da educação profissional no aperfeiçoamento do técnico em enfermagem. Para isso, foram selecionadas obras acadêmicas, artigos científicos e documentos oficiais que abordam temas como formação técnica, competências profissionais, teoria e prática no ensino da enfermagem e políticas públicas educacionais. A seleção das fontes considerou a relevância dos autores para o campo da educação e da saúde, bem como a atualidade das publicações, priorizando materiais produzidos nas duas últimas décadas. A análise foi realizada de forma interpretativa, buscando identificar convergências, lacunas e contribuições que fundamentassem a compreensão dos desafios e possibilidades da formação técnica em enfermagem no Brasil.

3. REFERÊNCIAL TEÓRICO

3.1 Educação profissional e o contexto da saúde

A educação profissional, especialmente na área da saúde, tem se consolidado como um dos pilares fundamentais para a formação de trabalhadores capacitados a atuar de forma eficiente, crítica e humanizada. De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/96), a educação profissional é oferecida de forma articulada com o ensino médio e destina-se à formação para o exercício de profissões técnicas, sendo considerada uma etapa estratégica para o desenvolvimento socioeconômico do país (BRASIL, 1996).

A importância da educação profissional ultrapassa a formação técnica. Ela contribui para a emancipação do sujeito, sua inserção social e a construção de sua identidade profissional. Segundo Frigotto, Ciavatta e Ramos (2005), a educação profissional precisa ser compreendida como

um processo formativo que articula conhecimentos técnicos, científicos e culturais, promovendo a formação integral do trabalhador.

A formulação e atualização das políticas públicas voltadas à formação técnica se materializam em instrumentos como o Catálogo Nacional de Cursos Técnicos (CNCT), documento que organiza, orienta e regula a oferta dos cursos de educação profissional técnica de nível médio em todo o território nacional. Como destaca o Ministério da Educação (2021), o CNCT visa assegurar qualidade e coerência entre as formações oferecidas e as demandas do mundo do trabalho, contribuindo para a efetiva inserção dos egressos no mercado.

A atuação responsável e ética, o domínio de protocolos técnicos e o comprometimento com o bem-estar da população demandam formações que não apenas habilitem tecnicamente, mas também desenvolvam o senso crítico e a sensibilidade social dos profissionais. De acordo com Silva e Leher (2012), a função social da educação técnica está diretamente relacionada à democratização do acesso ao conhecimento e à redução das desigualdades sociais, especialmente em áreas essenciais como a saúde pública.

Segundo o Catálogo Nacional de Cursos Técnicos (MEC, 2021), a estrutura do curso técnico em enfermagem exige uma carga horária mínima de 1.200 horas, além de estágio supervisionado obrigatório. Os componentes curriculares englobam disciplinas como fundamentos da enfermagem, biossegurança, ética profissional, saúde coletiva, farmacologia, anatomia e práticas clínicas.

Essa formação não se limita ao ensino de técnicas e procedimentos. Ela exige, cada vez mais, uma abordagem integrada, que combine conhecimento científico, prática cuidadosa e atitudes éticas. Para Araújo e Rodrigues (2017), a formação técnica em enfermagem deve considerar os aspectos cognitivos, afetivos e psicomotores do aluno, proporcionando uma formação que esteja alinhada às necessidades do sistema de saúde e da população.

O papel do técnico em enfermagem no sistema de saúde é de suma importância. Este profissional atua na linha de frente do atendimento ao paciente, prestando cuidados básicos e especializados, auxiliando nos procedimentos clínicos e promovendo a humanização do atendimento. De acordo com Leal e Sanna (2014), o técnico em enfermagem constitui uma peça-chave nas equipes multidisciplinares, sendo responsável por ações que influenciam diretamente na qualidade do cuidado prestado.

Além disso, o desenvolvimento de competências como comunicação, empatia e tomada de decisão é indispensável para o exercício da profissão. Como destacam Oliveira e Andrade (2019), o trabalho do técnico em enfermagem exige não apenas domínio técnico, mas também habilidades interpessoais que favoreçam a relação com o paciente e com a equipe de saúde.

3.2 A formação de competências no curso técnico em enfermagem

A articulação entre teoria e prática constitui um dos eixos centrais da formação técnica em enfermagem. Trata-se de um processo que vai além da simples aplicação de conteúdos aprendidos em sala de aula: envolve o desenvolvimento da capacidade crítica, a autonomia profissional e a habilidade de tomar decisões em contextos reais, muitas vezes complexos e imprevisíveis. Para Tardif (2007), os saberes profissionais não são apenas transmitidos, mas construídos por meio da interação contínua entre os conhecimentos teóricos, as experiências pessoais e o cotidiano da prática.

Segundo Oliveira e Pires (2019), os estágios são fundamentais para que o aluno desenvolva a competência de transformar o conhecimento técnico em ação cuidadosa, ética e humanizada. Sem essa vivência prática, a formação tende a se tornar fragmentada, desconectada das reais demandas do sistema de saúde. É durante os estágios que os estudantes exercitam a escuta ativa, o olhar clínico e o trabalho em equipe, habilidades indispensáveis para o exercício da enfermagem.

Além disso, como destaca Souza (2017), a experiência prática possibilita a reflexão crítica sobre os conteúdos teóricos, permitindo que o estudante compreenda suas limitações e busque formas de superá-las. Essa reflexão é o que transforma a prática em campo de conhecimento, e não apenas em espaço de execução mecânica de tarefas. A prática, nesse contexto, se torna formativa porque convida o estudante a pensar sobre o que faz, por que faz e como poderia fazer melhor.

Essa integração entre teoria e prática também exige o compromisso das instituições formadoras em ofertar estágios supervisionados de qualidade, com acompanhamento pedagógico, espaços adequados e articulação com os conteúdos desenvolvidos em sala. Quando o estágio é tratado apenas como um requisito burocrático, perde-se a oportunidade de formar profissionais verdadeiramente preparados. Por isso, como alerta Silva (2021), é necessário que os estágios sejam planejados de forma intencional, com objetivos claros e alinhados ao perfil profissional de conclusão do curso.

Os estágios supervisionados são ferramentas indispensáveis nessa construção, pois promovem a integração entre o conhecimento acadêmico e a realidade vivida nos serviços de saúde. Com base em Tardif (2007) e nos estudos nacionais, compreende-se que a qualidade da formação depende, em grande medida, da forma como essa articulação é construída e valorizada ao longo do curso. A proposta de uma formação baseada em competências, conforme destaca Perrenoud (2000), busca preparar os profissionais para lidar com situações complexas e inéditas, mobilizando saberes diversos para resolver problemas reais no ambiente de trabalho.

De acordo com Almeida e Zilli (2016), formar por competências significa proporcionar ao aluno oportunidades de integrar saberes teóricos, práticos e éticos em experiências concretas. Esse processo requer metodologias ativas, avaliação formativa e uma constante reflexão sobre a prática. O objetivo não é apenas saber fazer, mas compreender por que se faz, para quem se faz e com que impacto.

Como afirmam Ribeiro e Padilha (2018), o técnico em enfermagem precisa ser preparado para agir com autonomia dentro de seus limites legais, compreendendo as necessidades do paciente e respondendo com atitudes coerentes, seguras e éticas. Esse perfil profissional exige uma formação que vá além do ensino mecanicista, promovendo a integração de saberes e a construção de uma identidade profissional crítica e engajada.

Outro ponto essencial é a compreensão de que o desenvolvimento de competências é um processo contínuo. Não se encerra no final do curso, mas se estende ao longo da trajetória profissional, por meio da prática cotidiana, da formação continuada e da reflexão permanente sobre o próprio fazer. Segundo Lima e Souza (2019), a competência se aprimora com o tempo, na medida em que o profissional se depara com novos desafios, compartilha experiências e renova seus conhecimentos.

A construção das competências também depende de um ambiente de aprendizagem que favoreça a autonomia, o protagonismo do aluno e o vínculo com os valores do cuidado. Como destacam Rocha e Ferreira (2020), a formação técnica em saúde deve criar condições para que os estudantes experimentem, errem, reajustem e desenvolvam confiança em si mesmos.

3.3 Desafios e perspectivas para o aperfeiçoamento profissional

As limitações de infraestrutura são uma realidade persistente em muitas escolas técnicas, especialmente aquelas ligadas às redes públicas. Conforme apontado por Lima (2015), a carência de laboratórios bem equipados, a ausência de materiais básicos para as aulas práticas e a insuficiência de ambientes simulados comprometem diretamente o desenvolvimento das competências esperadas nos alunos. A enfermagem é uma profissão essencialmente prática, e formar sem possibilitar o contato direto com tecnologias, instrumentos e contextos reais de cuidado é formar de maneira incompleta.

Além disso, como destaca Santos e Oliveira (2018), muitos cursos técnicos funcionam em prédios improvisados, com salas inadequadas, baixa conectividade digital e recursos audiovisuais escassos. Isso limita não apenas as práticas laboratoriais, mas também o acesso a metodologias ativas de ensino que poderiam enriquecer o processo formativo. Tal cenário reflete uma contradição evidente entre as exigências do mercado de trabalho e as condições oferecidas pelas instituições formadoras.

Outro desafio relevante é a defasagem curricular. Os avanços da ciência da saúde, o surgimento de novas tecnologias, as mudanças nos perfis epidemiológicos e nas políticas públicas exigem uma atualização constante dos conteúdos abordados nos cursos técnicos. Contudo, como observa Carvalho (2016), muitos currículos permanecem engessados, com conteúdo ultrapassados e desconectados das necessidades reais do SUS e das populações atendidas. De acordo com Rocha e Almeida (2019), é essencial que os currículos sejam dinâmicos, abertos ao diálogo com os serviços de saúde e capazes de integrar novas demandas, como a humanização do cuidado, o uso de tecnologias e o enfoque em saúde coletiva.

O corpo docente, por sua vez, desempenha papel fundamental na mediação entre os conteúdos e os alunos. Entretanto, muitos profissionais que atuam no ensino técnico enfrentam jornadas duplas, falta de reconhecimento e poucas oportunidades de formação continuada. Isso impacta diretamente a qualidade do ensino, como assinala Moura e Silva (2020), pois o educador desatualizado tende a reproduzir práticas tradicionais, pouco reflexivas e descontextualizadas.

A integração entre os cursos técnicos e o mercado de trabalho é uma estratégia essencial para garantir que a formação profissional seja condizente com as exigências contemporâneas do setor da saúde. Para Moraes e Silva (2019), essa articulação deve ser construída a partir de parcerias com hospitais, clínicas e unidades básicas de saúde, que permitam não apenas a realização de estágios supervisionados, mas também o desenvolvimento de projetos conjuntos e programas de inserção profissional.

É preciso que os currículos sejam elaborados considerando as reais demandas das instituições de saúde, o perfil epidemiológico da população e as competências esperadas dos técnicos. Como destacam Andrade e Souza (2020), aproximar a formação da prática cotidiana dos serviços é essencial para que o aluno compreenda o contexto em que irá atuar, desenvolvendo habilidades técnicas e humanas alinhadas com a realidade do sistema público e privado de saúde.

Além disso, os cursos devem favorecer a atualização constante, incorporando temas como saúde digital, atenção primária, protocolos de biossegurança e humanização do cuidado. Essa atualização deve ocorrer em diálogo com os empregadores e com os próprios egressos, para que o currículo reflita as transformações do campo da saúde e prepare o aluno para se adaptar a novos cenários.

Outro ponto central é o fortalecimento das políticas de apoio institucional. Muitos estudantes de cursos técnicos enfrentam dificuldades socioeconômicas que comprometem seu desempenho e permanência. Conforme afirma Costa (2018), o ensino técnico precisa ser apoiado por ações como bolsas de estudo, assistência estudantil, apoio psicopedagógico e programas de tutoria, garantindo equidade de acesso e condições reais de aprendizagem.

O apoio institucional também deve incluir a valorização do corpo docente, oferecendo formação continuada, condições adequadas de trabalho e incentivo à pesquisa aplicada. Para Gomes e Ramos (2021), docentes bem formados e reconhecidos são agentes fundamentais na mediação dos saberes e no estímulo à autonomia e à criticidade dos estudantes.

Essas propostas, embora desafiadoras, são fundamentais para construir uma educação técnica comprometida com a qualidade, a inclusão e a transformação social. Como assinala Ferreira (2022), o ensino técnico em saúde não pode ser apenas uma resposta imediata à carência de mão de obra: deve ser um espaço de formação cidadã, crítica e comprometida com o bem-estar coletivo.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos dados obtidos por meio da revisão bibliográfica revelou que a educação profissional exerce um papel estruturante no aperfeiçoamento dos técnicos em enfermagem. A formação técnica, quando alicerçada em bases pedagógicas sólidas e alinhada com as exigências do cuidado em saúde, promove não apenas a aquisição de habilidades operacionais, mas também o desenvolvimento de competências críticas, éticas e humanas que são indispensáveis ao exercício dessa profissão.

As limitações de infraestrutura, como destacado por Lima (2015), continuam sendo um entrave significativo no processo formativo. Muitos cursos ainda funcionam em condições precárias, com laboratórios insuficientes, escassez de materiais e pouca articulação com as realidades clínicas. Essa precariedade compromete a vivência prática dos estudantes, tornando o aprendizado mais teórico do que experiencial, o que é particularmente problemático para uma profissão que exige destreza, segurança e domínio técnico em procedimentos delicados.

A relação entre teoria e prática, tão discutida por Tardif (2007), mostrou-se como um dos pontos mais sensíveis da formação. O autor reforça que os saberes docentes são constituídos não apenas por teorias, mas por experiências, interações e contextos. No caso da formação técnica em enfermagem, essa articulação se concretiza especialmente durante os estágios supervisionados, que oferecem ao aluno a oportunidade de confrontar o que aprendeu em sala com as complexidades do cotidiano em saúde. No entanto, quando os estágios não são bem estruturados, acompanhados por supervisores capacitados ou quando não há sintonia com o currículo, perdem sua força formativa.

A perspectiva de uma formação por competências, conforme defende Perrenoud (2000), também foi evidenciada como eixo central para uma educação mais eficaz e humanizada. A pesquisa demonstrou que currículos baseados em competências favorecem a formação de profissionais mais autônomos, capazes de tomar decisões, resolver problemas e agir

com responsabilidade em cenários complexos. No entanto, diversos cursos ainda operam com estruturas curriculares engessadas, desatualizadas e distantes das transformações vividas pelo sistema de saúde brasileiro.

Outro aspecto relevante identificado nos resultados foi a fragilidade da integração entre a escola técnica e o mercado de trabalho. Embora existam iniciativas pontuais de aproximação, como convênios para estágio e parcerias institucionais, elas ainda são insuficientes para assegurar a transição fluida entre formação e empregabilidade. Moraes e Silva (2019) reforçam a importância de criar pontes entre os cursos e os serviços de saúde, de modo a ampliar as oportunidades de inserção profissional e, ao mesmo tempo, alinhar os processos formativos às demandas reais do SUS.

Também se constatou que a ausência de políticas institucionais consistentes de apoio ao aluno e ao docente é uma lacuna que compromete a qualidade da formação. Ferreira (2022) observa que uma educação técnica de qualidade exige condições estruturais, pedagógicas e humanas que sustentem o percurso formativo. Bolsas, assistência estudantil, acesso a recursos digitais, apoio psicopedagógico e programas de formação continuada para professores são medidas imprescindíveis para garantir uma experiência formativa justa e significativa.

Os resultados apontam, portanto, que a formação técnica em enfermagem no Brasil encontra-se em um campo de tensões: de um lado, há esforços por parte de muitos docentes e instituições para promover uma formação qualificada e humanizada; de outro, persistem limitações estruturais, curriculares e institucionais que enfraquecem esse processo. A superação dessas fragilidades demanda políticas públicas comprometidas com a valorização da educação profissional, bem como uma escuta atenta às realidades dos alunos, dos docentes e das comunidades atendidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou refletir sobre o papel da educação profissional no aperfeiçoamento do técnico em enfermagem, destacando a importância de uma formação que vá além da técnica e inclua também aspectos humanos, éticos e sociais. Foi possível compreender que a qualidade da formação técnica influencia diretamente na forma como esses profissionais cuidam das pessoas, interagem com as equipes de saúde e enfrentam os desafios cotidianos.

No entanto, ao longo da pesquisa, foi possível reconhecer algumas limitações. O estudo se baseou unicamente em revisão bibliográfica e análise documental, o que restringe a profundidade da investigação sobre realidades locais. A ausência de dados de campo, como entrevistas ou relatos de estudantes e professores, impediu um mergulho mais direto nas experiências vividas no ambiente educacional e profissional. Além disso, o acesso a estudos recentes com recorte regional também se mostrou limitado, o que pode ter influenciado na abrangência dos resultados.

Como sugestão para pesquisas futuras, recomenda-se a realização de estudos que envolvam diretamente os sujeitos da formação técnica, como alunos, professores, supervisores de estágio e profissionais egressos. Também seria enriquecedor explorar práticas pedagógicas que valorizem a autonomia, o protagonismo e a humanização no ensino técnico. No campo das políticas públicas, destaca-se a importância de ações que promovam maior diálogo entre as instituições formadoras e os serviços de saúde, bem como investimentos contínuos em infraestrutura, valorização docente e apoio estudantil.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, R. F.; ZILLI, M. L. Formação por competências na educação profissional em saúde: contribuições para o ensino técnico. Revista Brasileira de Educação Profissional, v. 5, n. 1, p. 65-78, 2016.

ANDRADE, P. C.; SOUZA, A. M. Currículo e mundo do trabalho: aproximações necessárias na formação técnica em enfermagem. *Revista Saberes em Ação*, v. 5, n. 2, p. 89-102, 2020.

ARAÚJO, J. M.; RODRIGUES, R. P. A formação técnica em enfermagem e o cuidado: uma reflexão sobre a práxis educativa. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 70, n. 6, p. 1223-1230, 2017.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. *Diário Oficial da União*, Brasília, 23 dez. 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. *Catálogo Nacional de Cursos Técnicos*. Brasília: MEC, 2021. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br>. Acesso em: 7 jun. 2025.

CARVALHO, L. P. Atualização curricular na formação técnica em enfermagem: entre as políticas públicas e as demandas do SUS. *Revista Ciência & Saúde Coletiva*, v. 21, n. 8, p. 2551-2560, 2016.

COSTA, R. A. Políticas de permanência na educação profissional: um olhar sobre a assistência estudantil. *Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica*, v. 3, n. 1, p. 33-45, 2018.

FERREIRA, L. M. Educação técnica e compromisso social: caminhos para a formação humanizada em saúde. *Revista Educação & Sociedade*, v. 43, e246567, 2022.

FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M.; RAMOS, M. N. *Novo Ensino Médio: desafios e contradições*. São Paulo: Cortez, 2005.

GOMES, T. F.; RAMOS, V. L. Valorização docente e qualidade do ensino técnico em saúde: desafios e perspectivas. *Revista Ensino em Perspectiva*, v. 7, n. 1, p. 55-69, 2021.

LEAL, S. M. A.; SANNA, M. C. A atuação do técnico de enfermagem na atenção primária à saúde: revisão integrativa. *Texto & Contexto Enfermagem*, Florianópolis, v. 23, n. 1, p. 196-204, 2014.

LIMA, E. A. Infraestrutura educacional e qualidade da formação profissional técnica em saúde: um olhar crítico. *Revista Brasileira de Educação Profissional*, v. 4, n. 2, p. 89- 98, 2015.

LIMA, V. S.; SOUZA, M. T. Competência profissional e educação continuada: um caminho para a excelência no cuidado em saúde. *Revista Saúde em Debate*, Rio de Janeiro, v. 43, n. 123, p. 102-110, 2019.

MEC – MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Catálogo Nacional de Cursos Técnicos.

Brasília: MEC, 2021. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br>. Acesso em: 7 jun. 2025.

MORAES, S. R.; SILVA, E. A. Integração entre ensino técnico e prática profissional: contribuições para o SUS. *Revista Brasileira de Formação Profissional em Saúde*, v. 4, n. 2, p. 112-124, 2019.

MOURA, M. T.; SILVA, A. M. O papel do professor na formação técnica em enfermagem: desafios da docência e da formação continuada. *Revista Educação e Formação*, v. 5, n. 15, p. 115-130, 2020.

OLIVEIRA, M. A.; PIRES, R. M. A importância do estágio supervisionado na formação do técnico em enfermagem. *Revista Interfaces da Educação*, v. 10, n. 29, p. 15-28, 2019.

OLIVEIRA, R. M.; ANDRADE, A. C. Técnicos de enfermagem: competências e desafios na atuação profissional. *Revista de Enfermagem do Centro-Oeste Mineiro*, Divinópolis, v. 9, e3441, 2019.

PERRENOUD, P. Construir as competências desde a escola. Porto Alegre: Artmed, 2000.

RIBEIRO, M. A.; PADILHA, M. I. Formação profissional em enfermagem técnica: desafios e possibilidades na construção das competências. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 71, n. 4, p. 1938-1945, 2018.

ROCHA, C. B.; ALMEIDA, D. R. O currículo no ensino técnico em enfermagem: reflexões sobre a prática e a necessidade de atualização. *Revista Educação em Debate*, v. 11, n. 2, p. 88-101, 2019.

ROCHA, G. M.; FERREIRA, M. C. Competências emocionais e técnicas na formação do técnico em enfermagem: uma análise crítica. *Revista Interfaces Científicas – Saúde e Ambiente*, v. 8, n. 1, p. 45-59, 2020.

SANTOS, I. M.; OLIVEIRA, R. M. Estrutura física e desafios da educação profissional em enfermagem no Brasil. Revista de Enfermagem do Centro-Oeste Mineiro, v. 8, e2545, 2018.

SILVA, M. R.; LEHER, R. A educação técnica e tecnológica como política social: entre a empregabilidade e a emancipação. Educação & Sociedade, Campinas, v. 33, n. 121, p. 437-456, 2012.

SILVA, R. J. O desafio da integração entre teoria e prática na formação técnica em saúde. Revista Saberes e Práticas, v. 3, n. 1, p. 60-69, 2021.

SOUZA, V. P. A formação de profissionais de saúde e a articulação entre teoria e prática. Revista Educação e Sociedade, Campinas, v. 38, n. 140, p. 743-759, 2017.

TARDIF, M. Saberes docentes e formação profissional. Petrópolis: Vozes, 2007.